

## **ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E MUDANÇA SOCIAL<sup>14</sup>**

*Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva Meira (UFRN)*

[guianeezasaraiva@bol.com.br](mailto:guianeezasaraiva@bol.com.br)

*João Batista da Costa Júnior (UFRN e IFRN)*

[jbjuniorassu@hotmail.com](mailto:jbjuniorassu@hotmail.com)

*Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)*

[cleidepedrosa@oi.com.br](mailto:cleidepedrosa@oi.com.br)

### **RESUMO**

O objetivo desta oficina é analisar a mudança social, identificada através do discurso, pelo viés da análise crítica do discurso (ACD) em diálogo com a sociologia. Nesta oficina, usaremos a abordagem sociológica e comunicacional do discurso com ênfase na sociologia para a mudança social. Há três décadas que a ACD se desenvolve no Brasil e tem como principal preocupação desvendar a natureza discursiva das mudanças sociais e culturais contemporâneas. A fim de se efetuar uma investigação crítica do discurso se faz necessário uma teorização e descrição dos processos e estruturas sociais que levam à produção, veiculação e consumo de um texto, a fim de responder como sujeitos sócio-históricos constroem significados em suas interações com esses textos. Por sua vez, a sociologia para a mudança social aceita que, a seu modo, cada forma de mudança social coopera tanto para reproduzir como para alterar as estruturas que sustentam as relações sociais (BAJOIT, 2008). Metodologicamente, trabalharemos com dois corpora: cartas do leitor da revista *Claudia* e peças publicitárias de instituições educacionais privadas. A análise textual será com base nas categorias do sistema de avaliatividade da gramática sistêmico-funcional, e os aspectos discursivos e sociais na ACD e sociologia para a mudança social. Esta oficina tem como público-alvo os alunos de letras e áreas afins, professores do ensino médio e universitário, profissionais e usuários do texto/discurso, e contempla a ementa: visão teórica da análise crítica do discurso (ACD); a abordagem sociológica e comunicacional do discurso; sociologia para a mudança social; e análises de texto\discurso com base léxico-gramatical e semântico-discursivo da linguística sistêmico-funcional.

#### **1. Primeiras palavras: análise crítica do discurso e mudança social**

A análise crítica do discurso é uma teoria e um método de natureza transdisciplinar (FA-IRCLOUGH, 2008; PEDROSA, 2010; RAMALHO, RESENDE, 2011) que se preocupa em estudar a linguagem, considerando eminentemente o contexto social em que o texto circula.

Por meio da análise do uso linguístico no interior da prática social, a ACD se interessa pelo estudo da mudança social, buscando “desenvolver uma descrição, explicação e interpretação dos modos como os discursos dominantes influenciam, indiretamente, o conhecimento, os saberes, as atitudes, as ideologias, socialmente partilhadas” (PEDRO, 1998, p. 30), destacando as relações sociais de luta, conflito, abuso de poder, discriminação, identidade. Sob esse foco, as investigações de natureza crítica do discurso contemplam os processos e estruturas sociais, bem como a dimensão social das esferas discursivas nas quais os agentes constroem significados e se relacionam com os textos (WODAK, 2004).

Sumariamente, informamos que os trabalhos de investigação desenvolvidos a partir do projeto da ACD buscam compreender as práticas discursivas interconectadas às mudanças e/ou momentos da prática social, havendo sempre uma relação dialética entre a prática social e os

---

<sup>14</sup> Para conhecer mais textos sobre ASCD e ACD visite, a partir de 20 de agosto de 2012, o site <<http://www.ascd.com.br>>. Também postamos artigos de pesquisadores que trabalham com ACD.

seus momentos (discurso, ideologias, crenças etc.). Cabe aos analistas críticos do discurso investigar como “sistemas linguísticos funcionam na representação de eventos, na construção de relações sociais, na estruturação, reafirmação e contestação de hegemonias no discurso” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 13).

Algumas correntes de estudo vêm sendo desenvolvidas a partir de pesquisas que se inserem no projeto da ACD. Por uma questão de foco, delimitaremos nossas discussões a respeito das correntes, destacando a abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD).

ASCD: De onde vem? Qual sua proposta? Por meio dessas interrogações, apresentaremos essa nova corrente de estudo em ACD, frisando que este texto não esgota as discussões a respeito dessa abordagem, pois a corrente encontra-se em seu estágio embrionário. A nossa intenção consiste em apresentar de maneira sumária como essa abordagem de pesquisa busca contribuir para os estudos nacionais da ACD.

A ASCD vem sendo desenvolvida no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN – Natal/RN - por meio de pesquisas de iniciação científica e de pós-graduação, as quais são coordenadas pela professora Doutora Cleide Emília Faye Pedrosa, proponente do projeto piloto da ASCD. Está filiada ao Grupo de Pesquisa Estudos do Texto e Discurso (GETED) em sua linha de pesquisa Análise Crítica do Discurso da UFRN.

A base teórico-analítica da ASCD compreende uma confluência de áreas do conhecimento que mantêm um diálogo transdisciplinar com a ACD, a saber: linguística, sociologia para a mudança social (BAJOIT, 2008), comunicação para a mudança social (GUMUCIO, 2001, 2004; NAVARRO, 2010) e estudos culturais (MARTTELART, 2005; HALL, 2005). Destacamos que, embora o aporte teórico-analítico da ASCD foque esses campos disciplinares, dialogaremos com outras correntes clássicas da ACD, especificamente a corrente social de Fairclough.

Referendada por esses campos epistemológicos, a ASCD propõe desenvolver análises a respeito das mudanças sociais e culturais, contemplando as vivências do sujeito. Neste texto, faremos um recorte da proposta da ASCD, enfatizando sua natureza sociológica, quer dizer, demonstraremos, de forma sucinta, ideias que referendam procedimentos de análise crítica da mudança social.

## **2. Sociologia com foco na mudança social: natureza e implicações socioculturais**

Bajoit (2008, p. 17), ao considerar a questão das mudanças sociais, inseridas no contexto da sociologia, sustenta que essa ciência nasce com a modernidade e se desenvolve depois da Revolução Industrial e de forte necessidade de democratização mundial. Acrescenta, ainda, que os movimentos sociais se formam a partir de orientações da história e, portanto, dos modelos culturais vigentes.

Nessa instância, os *corpora* utilizados nessa oficina – as cartas do leitor veiculadas na revista feminina *Claudia* e as peças publicitárias de instituições educacionais privadas – servirão como instrumentos desse estudo, posto que, tanto os discursos das mulheres leitoras quanto as políticas que regem as instituições privadas, sofreram transformações ao longo dos anos.

Estas transformações perduram desde a Revolução Industrial, que por sua vez, agregaram transformações tecnológicas, econômicas e políticas, propiciando assim, a instauração de um novo modelo cultural. A família, a escola, a igreja, a televisão, o clube de futebol, a vocação, o matrimônio, a empresa em que trabalha, a maternidade ou paternidade são alguns dos campos de relações de que cada indivíduo participa em sua vida social e que condicionam a transformação dos sujeitos. Bajoit (2008, p. 87, tradução nossa) reafirma essa transformação do sujeito quando diz:

Reconhecer que o ser humano está orientado em suas condutas, ao menos em parte, pela intervenção de sua consciência – por uma capacidade reflexiva que lhe permite analisar e interpretar o mundo e con-

duzir-se como sujeito – significa introduzir ao mesmo tempo a questão do sentido. Este lugar tão importante do sentido da vida social dos seres humanos permite compreender porque recorrem constantemente a referências culturais para justificar sua conduta ante a si mesmo e ante os demais.

No parecer de Fairclough (2008, p. 127), a ocorrência de mudança envolve não só adaptar convenções já existentes, mas também formas de transgressão, o cruzar de fronteiras que tem a ver com a reunião de convenções existentes em novas combinações, ou mesmo a sua exploração. Isso ocorre porque as pessoas apresentam a capacidade de agir ou de atuar de modos inesperados (FAIRCLOUGH, 2006).

A mudança social tem a ver com mudanças nos eventos sociais (práticas sociais, rede de práticas sociais e estruturas sociais). Consequentemente isso abrange mudança nos textos, nas ordens do discurso e nas linguagens; abrange, no entanto, em primeiro lugar, mudança do próprio olhar do sujeito sobre as práticas que o socializaram.

Retomando Bajoit (2008), o autor destaca que a raiz da mudança sociocultural deve ser explicitada considerando os contextos sociais nos quais ocorre a dinâmica das relações sociais entre os atores individuais e coletivos.

Isto ocorre porque os atores sociais são os verdadeiros responsáveis pelas significações que emergem do seu convívio social com o outro, eles as constituem simbolizando suas ações, suas subjetivações e motivações interacionais mediante o intercâmbio sociocultural que atravessa toda a dinâmica que configura a história e constitui suas identidades e representações sociais.

Bajoit (2008) destaca que a atuação que os atores sociais realizam uns sob os outros para alcançar seus objetivos interacionais, por exemplo, a constituição de sua própria identidade, processa-se por meio de intercâmbios, a saber:

- **Cooperativos:** representam o grau de contribuição que cada ator social se propõe a cooperar com as finalidades das relações sociais. Por meio das ações cooperativas ocorre um jogo de interesse mútuo que dialoga rumo aos problemas vitais da vida comum. Neste processo de interatividade, a constituição das identidades coletivas sofre menos tensões, uma vez que os atores compartilham os mesmos jogos de interesses sociais.
- **Conflitivos:** designam as representações de lutas que há entre os grupos e atores sociais, quando estes buscam liderar e dominar os demais, caucionando relações de tensões e comprometendo as condições de reprodução das relações sociais. Entendemos que, por meio das relações sociais, ocorre imposição de interesses individuais e, por vezes, parcialmente coletivos, criando um percurso social perverso que tende a ser excluyente e constitutivo de relações de poder.
- **Competitivos:** nomeia as relações sociais respaldadas no fenômeno competição que há entre os atores. Cada um busca o triunfo em relação ao outro, destaca suas competências para se colocar entre os melhores, suas ações sociais buscam combater, vencer e deslegitimar possíveis ações contraditórias que venham a “ameaçar” seus interesses nas relações sociais. Nesta perspectiva, os intercâmbios competitivos delineiam o poder que os atores sociais adquirem para superar e, às vezes, eliminar os seus “concorrentes” diante das tramas que vão configurando as mutações sociais.
- **Contraditórios:** são as relações que colocam em xeque a própria sobrevivência dos atores sociais. Seguem a mesma lógica dos intercâmbios competitivos, porém não são regidos por regras. Há um forte interesse por inovações, por novas descobertas, conquistas e criatividade técnica, social e cultural que tem como objetivo maior a luta para sobreviver.

Considerando os fatores responsáveis pela transformação sociocultural, Bajoit (2008, p. 252) destaca que “a transformação sociocultural é, portanto, a modificação de um estado dado das relações sociais” e segue mutações diversas, a saber:

- Mudança das coações pelas quais se resolvem os problemas vitais da vida comum;

- Mudança dos princípios de sentido invocado para legitimar estas coações;
- Mudança das identidades coletivas que resultam da prática das relações sociais;
- Mudança das lógicas de gestão de si pelas quais os indivíduos resolvem as tensões que atravessam suas identidades pessoais;
- Mudança das lógicas de ação nas quais se comprometem, individual ou coletivamente (BAJOIT, 2008, p. 252, tradução nossa).

Convém ainda apontar que as relações sociais podem assumir caminhos distintos, caracterizando o que Bajoit (2008) denominou de:

- **Evolução:** corresponde às mudanças socioculturais que dão conta dos intercâmbios cooperativo e competitivo seu foco diz respeito às decisões que são tomadas individualmente.
- **Reforma:** representa a mudança sociocultural voltada para a ação voluntária de um ator coletivo organizado, cujo foco de interesse é a negociação que busca estabelecer com os demais atores com a finalidade de firmar alguns contratos sociais e políticos.
- **Revolta:** ocorre por meio de uma mobilização espontânea de um determinado grupo social focado por meio dos intercâmbios conflitivos ou contraditórios e confere mudança sociocultural a partir do momento em que há a ausência de organização social solidária entre os atores sociais que a compartilham. A revolta trata de uma forma embrionária de identidade coletiva, e as decisões que são tomadas entre os indivíduos sociais se influenciam mutuamente.
- **Revolução:** compreende o processo de mudança sociocultural voltado para a ação solidária organizada. Por meio dessa modalidade de transformação social, os atores se empenham em intercâmbios conflitivos e contraditórios revelando atitudes de negociação para alcançar mudanças que tragam inovação social.

Com base na sociologia para a mudança social, a ASCD operacionaliza conceitos e categorias analíticas para a compreensão da mudança social via o momento discursivo, compreendendo tais categorias, dentre outros, os tópicos que diz respeito aos intercâmbios e aos caminhos da mudança social.

### **3. Mudanças socioculturais e os subsistemas de atitude e de engajamento nas cartas do leitor da revista *Claudia* e nas peças publicitárias de instituições privadas de ensino**

O sistema de avaliabilidade, proposto por Martin e White (2005), envolve vários subsistemas. Nessa oficina trabalharemos com dois subsistemas distintos. Para analisar as cartas escolhemos o subsistema de atitude, para a análise das peças publicitárias, os subsistemas de atitude e engajamento. Resumidamente, atitude é o subsistema responsável pela expressão linguística das avaliações positivas e negativas, o qual abrange três regiões semânticas: afeto, julgamento e apreciação. O afeto tem a função de expressar as emoções no discurso. O julgamento representa as avaliações dos falantes/autores em relação ao “como comportar-se” na sociedade; são avaliações emitidas sobre a ética e a moralidade estabelecidas pela Igreja, pelo Estado ou por outras instituições. Já a apreciação diz respeito às avaliações a respeito das coisas e dos objetos, no âmbito da estética, da forma, etc. Discutiremos sobre o subsistema de engajamento no item 3.2 deste texto.

#### **3.1. Cartas do leitor: cronologia de uma mudança sociocultural**

Na atualidade, a carta do leitor apresenta-se como um gênero bastante difundido e, até certo ponto, incentivado pelos meios de comunicação que buscam a interatividade com os leito-

res. Conforme Passos (2003, p. 81), a carta do leitor pode ser definida como uma carta aberta dirigida a destinatários desconhecidos. Ela é veiculada em meios de comunicação escrita, de circulação ampla ou restrita e tem caráter público, cumprindo importante função social na medida em que possibilita o intercâmbio de informações, ideias e opiniões entre diferentes pessoas de um determinado grupo. Nessas cartas, encontramos o português escrito no padrão formal, atual, da forma como é concebido pela comunidade usuária.

Ainda sobre este aspecto, Balocco (2011, p. 51) afirma que na carta do leitor há, predominantemente,

Recursos de contração dialógica, com uso de proposição/expectativa confirmada, negação, marcadores conversacionais de tomada de turno de uso restrito a locutores com controle da interação, além de léxico valorativo de alta intensidade. Todos esses recursos contribuem para o *ethos*, ou imagem discursiva, do leitor como alguém que não precisa negociar suas opiniões, sequer de apresentar uma posição discursiva isenta, distanciada, ou documentada em fatos, dados e reflexões mais aprofundadas.

Na finalidade de elucidar as mudanças socioculturais que ocorreram nos discursos das mulheres, escolhemos cinco cartas do leitor veiculadas na revista *Claudia*, de décadas diferentes, desde 1960 até o ano de 2010. Nelas, propomos uma análise que contemple o textual, a partir do sistema de avaliabilidade, e o social, a partir das categorias propostas por Bajoit (2008), anteriormente mencionadas nesse texto.

Vejamos as cartas escolhidas para esta oficina.

### *3.1.1. Isolamento asfíxiante*

Sou casada há cinco anos e o meu casamento atravessa uma fase difícil. Meu marido passa cada vez menos tempo comigo, enquanto se diverte com os amigos em bares. É agora um homem totalmente diferente daquele que conheci. Procuro nunca reclamar, porque tenho medo que ainda piore mais a situação, mas, às vezes, sinto-me revoltada, cansada de ser a esposa carinhosa, atenta, compreensiva e econômica. (**Sem esperança** – Rio de Janeiro, GB. Fevereiro de 1967).

A submissão feminina é evidenciada nas relações sociais (um dos momentos da prática social) do casamento, sobretudo na década de 60.

No trecho “Meu marido passa cada vez menos tempo comigo, enquanto se diverte com os amigos em bares”, há um *juízo* negativo do comportamento do marido. A partir das convenções sociais, sabemos que o comportamento do marido é “normal” (estima social) para a sociedade machista da época. A mesma concepção não se aplica à sociedade em transição, pois as mulheres passaram a questionar o fato de o marido sair para diversão e deixá-las sozinhas em casa.

A categoria *afeto*, recurso semântico utilizado para representar as emoções linguisticamente no discurso “Procuro nunca reclamar, porque tenho medo que ainda piore mais a situação, mas, às vezes, sinto-me revoltada, cansada de ser a esposa carinhosa, atenta, compreensiva e econômica”, reflete de forma explícita os sentimentos vivenciados pelos sujeitos diante do conflito pela busca de uma nova identidade e as amarras da anterior.

Ao identificar-se como ‘Sem esperança’, o sujeito discursivo permite-nos compreender que, embora não haja uma aceitação da dominação masculina, reconhece-se que os parâmetros estabelecidos pela sociedade a respeito do casamento serão respeitados, pois a voz que emana do sujeito feminino é uma minoria na década de 60.

### *3.1.2. Aos quinze anos minhas tias contaram minha origem*

Sinto-me só, revoltada, angustiada, sem ânimo. Sempre consegui me controlar e aceitar a vida. Mas, agora, só tenho um desejo: sumir. Os problemas foram se acumulando ano após ano e, enfim, explodiram. Tenho 29 anos, estou na faculdade, participo de cursos de atualização: procuro ocupar minha mente sadicamente. E apesar de conhecer muitas pessoas, não tenho amigos. Vivo com quatro tias idosas e solteiras,

cheias de preconceitos. Elas me criaram desde pequena, e aos 15 anos fiquei sabendo de uma coisa que me chocou profundamente: minha mãe, que morreu quando eu era muito pequena, além de não ser casada com meu pai, era negra e, além disso, empregada doméstica. Nunca fui aceita por minhas tias. Passei maus momentos, e, de tanto ouvir que meu pai me abandonou e não gostava de mim, fui criando verdadeira aversão por todos os homens. Encaro a morte como uma libertação. (Só, Rio Grande do Sul. Outubro de 1973).

Nessa carta, verificamos o preconceito social em relação às mães solteiras, aos negros e à profissão de empregada doméstica (“além de *não ser casada* com meu pai, era *negra* e, além disso, *empregada doméstica*” (grifos nossos). Nesse trecho, percebemos que temos uma categoria do subsistema de atitude: o *afeto*. Segundo Martin (*apud* ALMEIDA, 2011, p. 100), o afeto é um recurso semântico utilizado para realizar as emoções linguisticamente no discurso. Ele diz respeito à emoção, isto é, a uma avaliação pautada nos sentimentos dos falantes/escritores indicando como se comportam em relação às pessoas, às coisas, aos objetos e aos acontecimentos. Entendemos que, nesse fragmento, a gradação dos sentimentos é lexicalizada (“só, revoltada, angustiada, sem ânimo”), transmitindo às leitoras uma noção do sentimento negativo de *infelicidade* e *insatisfação*.

Constatamos também uma mudança social (“estou na *faculdade*, participo de *curso de atualização*”), considerando que, o acesso à universidade nessa década ainda era reduzido.

### *3.1.3. Um coração dividido entre o marido frio e o ex-amor romântico*

Tenho três filhos maravilhosos e um marido bonito, com instrução universitária. Acho que casei com o pai que não tive: ele é bem machão, não permite amigos, coloca sempre sua superioridade em relação a mim. Deixei de trabalhar por causa das crianças, e ele só me dá o necessário para as despesas da casa, embora ganhe bem. Ando fria com ele, não me sinto feliz. Especialmente há alguns meses, quando reencontrei um ex-amor. Ele continua solteiro e esperançoso por nós. Conversamos algumas vezes, e todo o sentimento que algum dia tive renasceu. Agora olho para meu marido e vejo o outro. Eu quero e ao mesmo tempo não quero me separar. Meus pais, meu marido, meus filhos não merecem isso. (**Mulher indelicada**, Limeira, SP. Outubro de 1981).

Na carta acima, a materialidade linguística permite-nos apontar as categorias *afeto*, *juízo* e *apreciação*. Há *afeto* negativo quando o sujeito discursivo diz “ando fria com ele, não me sinto feliz”; há *juízo* negativo da personalidade do marido (“ele é bem machão, não permite amigos, coloca sempre sua superioridade em relação a mim”) e há *apreciação*, também negativa, em relação ao comportamento do marido (“ele só me dá o necessário para as despesas da casa, embora ganhe bem”). Os aspectos linguísticos apontados identificam uma sociedade com papéis bem definidos para o homem e a mulher, principalmente dentro do casamento.

Essas convenções perduraram por décadas, embora as mulheres buscassem mudanças. Conforme Bajoit (2008, p. 173), essas mudanças socioculturais demarcam a coexistência de dois modelos – o antigo e o novo – que por sua vez, exige reflexividade dos atores sociais.

### *3.1.4. Aborto legal: do papel ao hospital*

Achei pequeno o espaço dado à matéria “Aborto legal: do papel ao hospital”, edição de fevereiro. Creio que é essencial nós, mulheres, nos manifestarmos diante desse projeto tão nosso e fico muito triste em saber que existe uma oposição formada por mulheres, que escondem um machismo embutido e que não têm a mínima sensibilidade em relação à vítima de estupro. (**Débora Alves**, Goiânia, GO. Maio de 1997).

Quanto ao subsistema de atitude, podemos afirmar que essa carta está enquadrada na categoria *juízo*, especificamente de *sanção social* (O indivíduo é ético? É honesto?), posto que essa categoria relaciona-se com questões de “ética”, com uma análise normativa do comportamento humano baseado em regras ou convenções de comportamento. Ao se posicionar favoravelmente à da prática do aborto, o sujeito discursivo vai de encontro com as convenções estabelecidas por instituições de grande importância na constituição de alguns seres humanos, dentre elas, a Igreja Católica.

A carta em análise também expõe o nome do sujeito discursivo, o que nos permite inferir que se tornou uma constância na seção “Sua opinião” na revista *Claudia*. As mulheres nessa década adquiriram liberdade de expressão e, por esse motivo, se sentem à vontade para apresentar sua opinião, mesmo que ela não implique concordância por parte das demais leitoras.

### *3.1.5. Licença Polêmica*

Fiquei chocada com a opinião da jornalista Míriam Leitão, na matéria ‘Licença-Maternidade de 6 meses. Essa é uma lei boa para a mulher?’. Não acredito que as trabalhadoras sejam preteridas nas empresas por causa dessa nova lei nem acho que homens e mulheres sejam iguais. Não se trata de machismo. Claro que ambos merecem as mesmas chances, mas a mulher tem um papel fundamental: o de amamentar seu filho. Devemos lutar pela proteção à vida, coisa que anda esquecida hoje, quando só se houve falar em sucesso na carreira. (**Aline M. de Almeida Lucas**. Novembro de 2008).

As leis que regem a licença-maternidade sofreram diversas transformações ao longo dos anos, merecendo destaque a concessão de 180 dias, em vez de 120 dias, a partir de 09 de setembro de 2008. Essa mudança sociocultural gerou inúmeras polêmicas, pois as mulheres enfrentaram dificuldades na busca por um emprego, como também no que se refere à ascensão profissional.

O sujeito discursivo da carta demonstra indignação (*juízo negativo*) ao perceber que as mulheres da modernidade tardia estão voltadas para o sucesso profissional, deixando de lado funções especificamente femininas, como a amamentação. Podemos comprovar tal indignação quando a autora afirma que “devemos lutar pela proteção à vida, coisa que anda esquecida hoje, quando só se houve falar *em sucesso na carreira*” (grifos nossos).

A carta aponta uma forte mudança discursiva. No início do movimento feminista, as cartas veiculavam um discurso que homens e mulheres deveriam ter direitos iguais. A carta em questão faz o sentido inverso.

A partir das cartas do leitor analisadas nesta oficina, depreendemos que os discursos imbricados neste gênero textual sofreram diversas transformações, dentre elas, ressaltamos as mudanças no casamento e na educação dos filhos, além da busca incessante por um espaço na sociedade, em que seus direitos são reconhecidos e a mulher, passa assim, a ser vista como um ser igual.

Nestas cartas, as mulheres indicam confiança na revista *Claudia* e, por esse motivo, sentem-se à vontade para expressar suas opiniões, embora algumas temáticas sejam consideradas polêmicas para a época. A revista *Claudia*, certamente, se constitui como um grande marco na emancipação feminina e um meio de comunicação de massa que nos permite enxergar as mudanças sociais e culturais imbricadas no feminismo.

### **3.2. Peças publicitárias: mudanças no discurso educacional**

Para destacar as mudanças socioculturais no contexto educacional, selecionamos 02 peças publicitárias relacionadas às instituições privadas de ensino em Natal/RN. A publicação das peças compreende o período de outubro a dezembro de 2010. Quanto à análise da materialidade linguística, seguimos a orientação do sistema de avaliatividade proposto por Martin e White (2005), contemplando especificamente os sistemas de atitude e engajamento. Em relação à sociologia para a mudança social (BAJOIT, 2008), buscamos destacar nas peças os intercâmbios e as vias das mudanças discursivas.

Uma vez definido em contextos anteriores deste texto o sistema de atitude, passaremos agora a apresentar o sistema de engajamento.

O subsistema de engajamento confere condição para que os produtores textuais se posicionem em relação a seus interlocutores no intuito de estabelecer negociação de sentidos (VIAN Jr 2010; BALOCCO, 2010). Por meio desse subsistema, podemos realizar atitudes avaliativas orientadas por duas áreas semânticas: monoglossia e heteroglossia.

Aqui abordaremos apenas o campo semântico da heteroglossia, obedecendo a uma orientação advinda das próprias peças selecionadas, pois não aparece nas peças situações em que nos permitam destacar a monoglossia. Neste sentido, devemos compreender a heteroglossia como um procedimento de avaliatividade realizado por meio de recursos linguísticos para indicar referência a outras vozes ou outros discursos que estão em relação dialógica como os dizeres presentes em um determinado texto.

Na cultura da mídia e do consumo, as instituições privadas de ensino inserem a educação nas redes de mercantilização e consumo, investindo profundamente em campanhas publicitárias focadas no discurso da economia do conhecimento emergente voltado para o mercado de trabalho. O ensino oferecido pelas instituições privadas reveste a educação a partir de uma lógica de mercado incrementada por estratégias políticas mercadológicas.

Segundo Frigotto (2010), a mercantilização da educação enfatiza que as novas demandas de educação, explicitadas em diversos documentos oficiais, baseiam-se nas categorias sociedade do conhecimento, qualidade total, educação para a competitividade, formação abstrata e polivalente e expressam os limites das concepções da teoria do capital humano e as redefinem sob novas bases, ou seja, cabe à educação preparar o indivíduo para o mundo do trabalho, da produção, entrando em cena a rentabilidade, a lucratividade, empregabilidade e todo jogo de interesse econômico para o desenvolvimento das nações.

Esse fato é determinante para que a educação seja comodificada e recontextualizada por ordens de discursos diversas, principalmente a de mercado. Comodificação e recontextualização são práticas discursivas nas sociedades contemporâneas. Fairclough (2008) salienta que a comodificação é entendida como a colonização de ordens de discurso institucionais e mais largamente societal por tipos discursivos associados com a produção de bens de consumo.

A recontextualização compreende um processo de apropriação de determinadas práticas sociais dentro de produções discursivas específicas. Fairclough (2006) comenta que a recontextualização é “um processo complexo, envolvendo, para além de uma simples colonização, um processo de apropriação cujas características e resultados dependem das circunstâncias concretas dos diversos contextos” (FAIRCLOUGH, 2006, p. 101).

Sob essas definições e considerando a abordagem sobre Sociologia para a Mudança Social, passemos a analisar as peças selecionadas.

Por meio do anúncio do “Overdose”, percebemos a ocorrência de uma mudança sociocultural na esfera educacional representativa de dois tipos de intercâmbio, a saber: conflitivo e competitivo (BAJOIT, 2008). A natureza dessa mudança sociocultural implica perceber que a instituição “Overdose” cria, por meio de seu discurso, uma representação de luta, quando busca



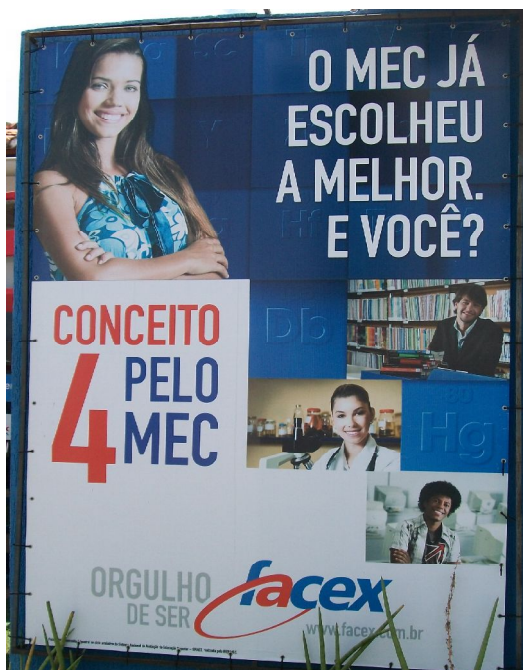
liderar e dominar as demais instituições, firmando, assim, o que Bajoit (2008) chama de intercâmbio conflitivo. Para alcançar essa representação, constituindo ao mesmo tempo uma identidade de respaldo social, o “Overdose” destaca suas competências por meio de aspectos não verbais e verbais apreciativos, por exemplo, a expressão nominalizada “*Uma máquina de aprovação*”, operacionalizando o sistema de atitude, especificamente, o campo semântico da apreciação. Ao fazer isso, o Colégio efetiva o intercâmbio sociocultural competitivo (BAJOIT, 2008).



Anúncio publicitário Overdose Colégio e Curso, *outdoor*, foto de João Batista, Natal, outubro 2010

Apropriando-se da categoria semântica heteroglossia, o anúncio destaca vozes sociais materializadas por meio da intertextualidade, da interdiscursividade e, sobretudo, da recontextualização discursiva (Cf. FAIRCLOUGH, 2006), o anúncio apontando uma estratégia de *marketing* associada ao contexto de treinamento para atuação num campo bélico.

A segunda peça publicitária diz respeito ao anúncio da FACEX.



Anúncio publicitário FACEX, *panfleto*, Natal, novembro 2010.

O anúncio da FACEX, além de destacar uma mudança sociocultural na educação atrelada aos intercâmbios conflitivo e competitivo (BAJOIT, 2008), conforme discutimos na análise do

anúncio do “Overdose”, aponta outro intercâmbio da mudança sociocultural, a saber, o cooperativo (BAJOIT, 2008). O anúncio evidencia o intercâmbio cooperativo no momento em que ressalta a possível contribuição que o MEC confere à FACEX quando atribui o conceito 4 à instituição. Assim, percebemos uma mudança sociocultural por meio das ações cooperativas que ocorrem entre o MEC e a FACEX, revelando um jogo de interesse mútuo voltado aos problemas vitais da vida comum, ou seja, qualificação profissional adquirida pela iniciativa privada.

Por meio do texto verbal o “MEC já escolheu a melhor e você?” percebemos uma atitude avaliativa inscrita no campo semântico da apreciação. Por meio do epíteto “melhor” a FACEX demonstra uma intenção de avaliar positivamente a oferta de seus cursos e, especificamente, a própria instituição. O discurso da FACEX, em síntese, representa uma prática social arraigada nos seguintes princípios: jogo ideológico de liderança, competição, os quais definem a educação enquanto produto de mercado.

Portanto, notamos que as mudanças socioculturais no contexto educacional das instituições privadas de ensino são governadas pelas dimensões econômicas nas relações sociais, processando-se, conforme Bajoit (2008), por meio de intercâmbios, uma vez que são intensas as representações de lutas que se materializam nas práticas discursivas das instituições de ensino, sinalizando o poder que os agentes sociais operacionalizam para liderar e assumir posição de destaque diante de forças sociais antagônicas, a saber, outras instituições que concorrem para liderar o mercado educacional, gerando, portanto, relações de tensões.

#### **4. Considerações finais**

A abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD), abordagem que recorreremos para embasar esta oficina, “busca um caminho de análise que não se esgota em conceito e categorias” (PEDROSA, 2012), permitindo assim, que o pesquisador recorra a diversas áreas do conhecimento, mantendo um diálogo entre elas, caracterizando-se como uma pesquisa de base transdisciplinar.

Neste artigo, o foco das análises centrou-se na mudança social e cultural, seja nas cartas do leitor veiculadas na revista *Claudia*, seja nas peças publicitárias de instituições privadas de ensino. Investigar essas mudanças socioculturais nos auxilia a compreender como os discursos sofrem mutações, devido aos novos modelos culturais, às revoluções tecnológicas e a disseminação dos meios de comunicação de massa.

Sabemos que ainda há muito caminho a percorrer, posto que a ASCD ainda esteja em fase de estudos e desenvolvimento. Porém, o primeiro passo já foi dado e esperamos contribuir para os estudos do discurso, bem como orientar estudantes da graduação e pós-graduação, cujos interesses estão voltados para a linguística, sociologia, comunicação, entre outras áreas do saber.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Fabíola. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN Jr, Orlando; SOUZA, Anderson; ALMEIDA, Fabíola. (Orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BAJOIT, Guy. *El cambio social, análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporáneas*. Madrid: Siglo, 2008.

BALOCCO, Anna. O sistema de engajamento aplicado a espaços opinativos na mídia escrita. In: VIAN Jr, Orlando; SOUZA, Anderson; ALMEIDA, Fabíola (Orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade. São Carlos: Pedro & João, 2010.

CLAUDIA, nº 02, fevereiro de 1967; nº 10, outubro de 1973; nº 10, outubro de 1981; nº 05, maio de 1997 e nº 11, novembro de 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and globalization*. London; New York: Routledge, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

FRIGOTTO, G. *Educação e a crise do capitalismo real*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GUMUCIO DRAGON, Alfonso. *El cuarto Mosquetero: La comunicación para el cambio social investigación y desarrollo*, agosto, Año/Vol. 12, número 001 Universidad del Norte, Barranquilla, Colombia. 2004, p. 2-23. Disponível em:

<[http://ciruelo.uninorte.edu.co/pdf/invest\\_desarrollo/12-1/el\\_cuarto\\_mosquetero.pdf](http://ciruelo.uninorte.edu.co/pdf/invest_desarrollo/12-1/el_cuarto_mosquetero.pdf)>. Acesso em: 24-07-2012.

\_\_\_\_\_. *Haciendo Olas: Historias de comunicación participativa para el cambio social*. La Paz, Bolivia: Plural Editores, 2001.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. London: Palgrave, 2005.

MARTELART, Armand. *Diversidade cultural e mundialização*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PASSOS, Cleide Maria Teixeira Veloso dos. As cartas do leitor nas revistas *Nova Escola* e *Educação*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Normanda da Silva. (Orgs.). *Tecendo textos, construindo experiências*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

NAVARRO, L.R. *Entre esferas públicas y ciudadanía, las teorías de Arendt, habermas y Mouffe aplicadas a la comunicación para el cambio social*. Barranquilla (Colombia): UNINORTE, 2010.

PEDRO, E. R. *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1998.

PEDROSA, C. E. F.; MANDÚ, H. C. A. A; CRUZ, R. S. Urbanismo e linguagens: análise crítica dos discursos privados em instâncias públicas. In: VI Congresso da Associação de Linguística Sistêmico-funcional da América Latina, 6., 2010, Fortaleza. *Anais VI ALSFAL*. Fortaleza: UECE, 2010.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. *Abordagem sociológica e comunicacional do discurso, uma proposta para análise crítica do discurso*, 2012. [inédito]

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a crítica): o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

WODAK, R. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Revista Linguagem em (Dis) curso*, v. 4, n. especial, 2004.